



# Editorial

4 LÉO  
GLÜCK

9 PRISCILA  
LIRA

11 CARLOS HENRIQUE  
SCHROEDER

8 VANESSA  
RODRIGUES

10 LIMA  
TRINDADE

15 MAIRA  
PARULA

16 ASSIONARA  
SOUZA

21 JONATAN  
SILVA

20 MATEUS  
RIBEIRETE

18 MARIANA O.  
CASTAÑEDA

22 GABRIEL RESENDE  
SANTOS

Quando a escritora Assionara Souza idealizou uma edição que abordasse perspectivas plurais sobre diversidade sexual e de gênero e nos consultou da viabilidade impressa do projeto, pensamos que era o momento do **RelevO** mostrar se ambiciona ser contemporâneo e abrir espaço para discussões ideológicos. É o momento.

Muitas vezes, por questões que envolvem as naturais dificuldades de distanciamento do espírito humano, não reconhecemos a significação histórica de alguns períodos. Pode ser que 2015 seja-tenha sido o ano em que o movimento feminista brasileiro mais avançou em matéria de representatividade física/digital e vibração de pautas emergentes, de hashtags mobilizadoras a campanhas por mais leitura de livros escritos por mulheres.

Há uma importante luta nos bastidores dos discursos que envolve a tomada dos espaços públicos de representatividade. Historicamente, os homens sempre dominaram as cadeias distributivas, dos meios culturais aos econômicos, dos Congressos às chefias corporativas. Há um movimento de questionamento estrutural, e as ideias por detrás desses questionamentos são melhores do que as normativas. Forças profundas e condições de privilégio precisam ser discutidas.

Para a autora de *Amanhã, Com Sorvete e Cecília Não É Um Cachimbo*, é fundamental e urgente promover mudanças reais na sociedade e lutar pela aquisição de Direitos. “Os temas que envolvem diversidade sexual e de gênero precisam sair do armário e gritar nas esquinas, praças e ruas. Por mais respeito à livre expressão e aos desejos do outro e de cada um. A ordem é desbinarizar”.

Ano que vem tem mais.  
Uma boa leitura a todos.

## expediente

Fundado em setembro de 2010.

**Editor** Daniel Zanella

**Editor-Assistente** Ricardo Pozzo

**Revisão** Mateus Bimbodoro

**Ombudsman** Ben-Hur Demeneck

**Projeto Gráfico** Marcell Mengarda

**Impressão** Gráfica Exceuni

**Tiragem** 3500

Edição finalizada em 4/11/2015.

## errata

Na edição de novembro, denominamos Marco Aurélio de Souza como Marco Aurélio Souza. Pedimos desculpas, embora tenha sido de propósito.

## ilustrações

A ilustração da capa é de Gustavot Diaz. As fotografias das páginas internas, exceto 14-15, são de Leonora Calzada Macías.

quer ilustrar para o **RelevO**? escreva  
para [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)

## interwebs

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

 /jornalrelevo

@ jornalrelevo@gmail.com

## Enclave, a newsletter

Enclave é a nossa newsletter quinzenal editada por Mateus Ribeirete, idólatra de Totti e animais de pequeno porte. Em linhas gerais, é uma turnê de força por assuntos ocasionais do meio cultural, com apelo ao hipertexto: em um clique você pode ir de Edward Hopper a futebolistas-Pokémon.

Para assiná-la, basta acessar:

<http://jornalrelevo.tumblr.com>

## prestação de contas nov/15

### ANUNCIANTES

**R\$ 50** Loteria Avenida; Avon; Ehlkefarma; Fisk; Joaquim; Pedro Lemos; **R\$ 100** Editora Penalux; Toda Letra Arte & Letra; **R\$ 120** Escola da Escrita; (total R\$ 720).

### ASSINANTES

**R\$ 50** Andréia Gavita; Benedito Costa; Maria Teresa Arruda; Claudio Parreira; Mateus Senna; Dinovaldo Gilioli; Fernanda Benini; Gustavo Jugend. **R\$ 100** Manoel Ramires (total R\$ 500).

### CUSTOS

Assinaturas: R\$ 200  
Distribuição: R\$ 80  
Impressão: R\$ 1.000

Receita total: R\$ 1.220  
Custo total: R\$ 1.280

Balanço: - **R\$ 60**

## Assine

O **RelevO** nunca foi reconhecido por ser bom na arte de fazer negócios. Por isso, nós dependemos tanto do apoio dos assinantes.

O que fazem os assinantes? Por R\$ 50 ao ano, recebem os exemplares no conforto de suas humildes residências. E é bem simples: basta enviar um email dizendo: “Como faz?”. Nós damos as coordenadas e a mágica acontece.

## da Enclave #22:



#2 Argila e massa de modelar eram os principais materiais utilizados por Anna Coleman Ladd na tentativa de restaurar rostos desfigurados na Primeira Guerra Mundial. A escultora, nascida nos Estados Unidos e educada na Europa, usava seu estúdio em Paris para reconstruir as faces de quem havia sido injuriado em combate. A partir dos moldes de argila e massa, Ladd criava uma prótese de cobre galvanizado e a pintava conforme a pele do atendido.

Antes da guerra, Anna Coleman já havia se envolvido com fotografia, dramaturgia e literatura, além das próprias peças que esculpia – geralmente aplicadas na decoração de fontes. O casamento com Maynard Ladd, médico da Cruz Vermelha, ajudou a conectar seu enorme talento com uma causa interessantíssima. Em Paris, cada máscara levava cerca de um mês para ficar pronta, tendo vida útil de alguns anos. Estima-se que Ladd tenha produzido mais de 185 peças.

## próxima edição

Patti Smith

Paula Gabriela

André Rocha

André Gonçalves

## Cartas do Leitor

PIUÍ!

**Joseani Netto:** Olá, **RelevO!** Sou moradora de uma cidadezinha qualquer de Minas Gerais. Cidadezinha pitoresca que ainda guarda manias e hábitos do tempo em que não havia internet. Ainda hoje os vizinhos se socorrem quando acaba o açúcar e se visitam em época de novena, chegam na hora do almoço e se abancam para um dedinho de café e de prosa. Dos cinemas, onde eu assistia Mazzaropi com meu pai, só há lembranças. Temos uma revista de cultura que registra as atividades artísticas da cidade e da região e, aos domingos, fazemos feira ao som de um grupo de músicos malucos que montam seus instrumentos pra tocar chorinho. Ah, não posso me esquecer de que aqui nasceu Santos Dumont, aquele que conseguiu alçar voo com um aparelho mais pesado que o ar, o tal do avião. Pessoalmente nunca vi um avião, trem temos aos montes, já virou até interjeição. Minha cidadezinha tem muitos artistas e um clima bem bom para um cafezinho coado na hora e uma broa de milho quentinha. Mas o que mais me encanta mesmo é que os Correios aqui funcionam direitinho e no grito. Sim, o seu Zé, um dos carteiros mais antigos da cidade, entrega minha correspondência gritando: “oh, o RelevO!” “Chegou!”. Ô trem bão!

Pois é, tudo isso só pra dizer que hoje o **RelevO** chegou aqui anunciado pelo seu Zé. Agora é fazer um cafezin, tirar um lasquinão queijo comprado na mercearia e me deleitar lendê relend’as (sub)versões dess’impresso tão bão, uai! Beijinhos à redação.

NÓIS!

**Sandra Andréia:** O **RelevO** na minha caixa, não... na caixa do condomínio onde chegam as minhas correspondências... não... na caixa dos Correios onde são depositadas as correspondências que são enviadas a mim, não só a mim... bem, a questão é que, depois de eu me ausentar (não, não fumo nem consumo. mãe! desconfiando de mim?), sou assinante (#edai?), recebi a edição NOV/2015 - Ed III - Ano VI. Eu ri, enquanto lia, mas também ouvia sobre o “beija-flor, mensageiro das plantas” no canal fechado de TV que assino em lugar daquele serviço no qual eu poderia acompanhar seriados policiais. Será por isto que não entendi “Sobre crimes, progressões...”. E entendi, exatamente por isto, “O dia em que Tony...”, patrocinado pela FB a la “Um dia de fúria” ou “Feliz Ano Velho”? A fotonovela! #orgasmos. Lia, quando menina..aah. Eu lia (do verbo ler, não a Lia, quando menina). Confusa eu...pois então “Contando azulejos: a poética... Prozac”. Leio depois o que não li. Ri muito sim. “The joke was about me”? prozac, esquizofrenia e o **RelevO** é muito hetero, macho... eu ri. não vou continuar... preciso voltar à vida. entre as cartinhas simpáticas de cobranças: “senhora, mantenha suas contas em dia, para evitar aborrecimentos...”, o **RelevO** salvou meu dia, retirando de mim risos por perseguir suas páginas cinzas, nesse dia cinza de curitiba (qual a novidade disto?)... #obrigada. Fraternal abraço.

ZUMPREARA

**Claudine Zigler:** Sobre a Enclave 23: “Opa” também significa “avô”, em alemão :)

**Brenda Stachiw:** Sou uma grande admiradora do **RelevO**, acho a dinâmica incrível, sem falar que os textos são ótimos.

ECZISTE?

**Rafael Gayer:** A Juliana, da Errata do mês passado, existe?

DA REDAÇÃO: *Este é um assunto delicado e preferimos estabelecer silêncio. Apenas pedimos que você não toque mais no assunto.*

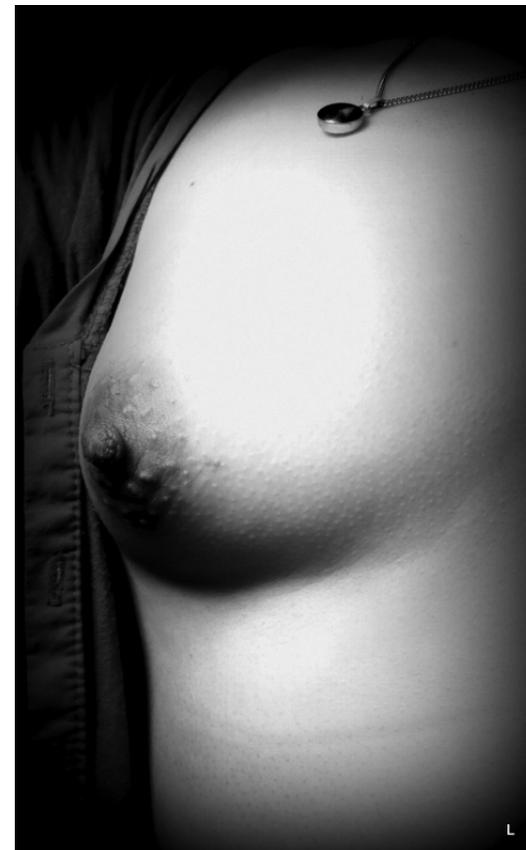
# Coitus interruptus

LÉO GLÜCK

O homem e a mulher deixaram de fluir. Foram enterrados os modos de produção eficazes. E sinto-me feliz em poder repassar com alegria desmesurada tal informação. Perdi a hora do chá, perdi a solução de bolso, perdi o sono em uma noite de lascívia giratória. Despretensiosamente esvaziei o sentido original do corpo e amamenteei. Amamenteei quando amamentar era impossível! Comecei a vislumbrar a novidade da destruição do verbo, da fluência magnífica que o caos desenvolve a partir de centros intensos de carne. Queimei as cartas do passado e busquei os autores da tragédia para a possível mão jamais dada. Esporrei com gozo na língua indecifrável do globo. Estou agora tentando fugir da boca engolidora do destino, com as mãos cheias de panos e baldes para a limpeza futura sempre necessária. A sociedade não me permite o

livre orgasmo sem consulta prévia. Não me quer dar de beber o sêmen de quem EU quero tirá-lo. Não permite o consenso carnal de partes não envolvidas de mim. (onde diabos porei o coração?) Não me facilita o uso descompromissado de equipamentos motores fadados ao fracasso por falta de utilidade. Não faz mal, eu sigo em frente. Decido politicamente. Decido o juízo. Decido com que espécie restrita o meu sexo unirei. Decido conscientemente, desvio do embaçado foco momentâneo (durará meu sempre para sempre?) em favor da saída honrosa de âmbitos embotados.

Toda diva é, por ideologia, bem como um pleno farrapo humano, uma plena realização subversiva. Levo comigo a certeza certa implícita nesse meu jogo de brinquete naturalizado pela civilização: ainda gozarei gritando na cara de um magistrado.



OMBUDSMAN

# Ben-Hur Demeneck

## Uma peça de museu Sobre humor

Walter Bach publicou um belo texto sobre este periódico no portal Escotilha (“A persistência do Jornal RelevO”, 22/10/2015). No entanto, dormiu quando falou do ombudsman. Escreveu que o jornal tem “até um ombudsman, quase peça de museu em nosso tempo”. Antes fosse, meu caro. Antes fosse! Parece até que falava de copidesques ou de tipógrafos. Embora, convenhamos, os copidesques têm feito muita falta nessa terra desrespeitosa à língua portuguesa que se tornou a imprensa nacional. Pensar que faz pouco mais de 25 anos que surgiu o primeiro ombudsman no Brasil e de lá para cá a moda não pegou. A *Gazeta do Povo* teve ombudsman? Quando a Globo teve ombudsman? A Record? A *Folha de Londrina*, talvez? Aliás, em que mundo do futuro a Rede Massa terá um ombudsman? No interior do Brasil, só conheci o caso do *Jornal da Manhã* (de Ponta Grossa) e de jornais-laboratório. De capitais, sei que Fortaleza tem (*O Povo*), São Paulo tem (*Folha de S. Paulo*), Nova York tem. Sonhemos com o dia em que “representantes de leitores” se tornem coisas antigas no Brasil, pois, por enquanto, correm o risco de nem entrar no catálogo de uma mostra experimental. Recomendo a leitura do artigo e do portal. Ambos são muito bons.

O humor e liberdade de expressão são parceiros. Humor fajuto e tédio são irmãos siameses. Talvez o único limite do humor seja o de ser verdadeiro e, claro, passear pelas ideias, não escolher pessoas e tipos por alvo de humilhações, por exemplo. Não estamos falando de agressões, estamos falando do que dá aquele nó lógico na cabeça e nos faz pensar “bem bolado”. O Editor-assistente achou a edição de humor muito fraca e adolescente. Segundo ele, perde-se espaço para literatura boa quando apostamos demais em humor. A crítica dele é válida e deve ser considerada. Se algum texto ficou devendo na sua autenticidade, merece o selo de canastrice. Mas humor deve ser considerado, só é preciso achar a mão.

O brasileiro médio em geral não é de lotar peças de teatro dramáticas, nem de dar audiência a tragédias. Há certo consenso que o humor lubrifica as relações sociais. É como se o brasileiro já não fosse por demais sociável e não precisasse ficar um pouco mais calado e observador, de vez em quando. Que participa ou testemunha do humor escrachado ou do melodrama. Um texto como “Menino Lobo”, de Marco Aurélio de Souza dá uma dissertação de mestrado. Saber como o jornalismo cultural hoje não só vira o domínio do Ctrl C + Ctrl V, mas que simula

entrevistas cuja matéria-prima são mentiras deslavadas. Ou seja, será que é preciso fazer piada quando até o mais provinciano jornal coloca o absurdo sob holofotes? Os humoristas precisam ser bons, é só isso que devemos cobrar deles. Porque a realidade não está dando trégua.

## Sabedoria krenak

Aílton Krenak vive num outro tempo. Aílton é multidialetal, poliglota, politizado e ainda sabe contar uma história por muitas horas – e quem sair dali vira lobisomem. O Aílton realmente sabe fazer chorar. Quem não aspira a sabedoria desse líder que canta para o céu subir e consegue o que quer? Como a gente pode se tornar um dele? Como seria possível assimilar a sua cultura numa velocidade como as atléticas de engenharia assimilaram o rúgbi? Como? Perguntas que não sabemos responder. Graças à nossa incapacidade de entender os “povos originários”, a gente fica falando bobagens em vez de chamá-los para a conversa e ouvi-los. Quantos desses a gente vê em feiras literárias, lançamentos, palestras ou compartilhados em nossas timelines? Vejamos: Aílton Krenak, Daniel Munduruku, Cristino Wapichana, Kaká Verá, Eliane Potiguara, Aurilene Tabajara, Edson Kayapó, Edson Krenak, Tiago Hakiy. As ilustrações

de Denilson Baniwa? Quantos irão aparecer em nossas recordações do Facebook e nos presentes de amigo secreto? Não basta a gente achar o máximo ouvir “Koangagua”, dos Brô MC’s. Nem Curtir e Compartilhar o videoclipe deles feito nas aldeias Jaguapiru e Bororó, lá em Dourados (MS). Não basta descobrir que “Koangagua” significa “Nos dias de hoje” e que para um rap cantado em guarani não tem nada melhor mesmo que ler a legenda. Não basta achar cult, tem que entender.

## RelevO Capital

Se a CartaCapital tivesse um assinante para cada cem replicadores dos seus conteúdos, ela seria (de longe) a revista mais estável do país. Moral da história: todo mundo quer “mudar a comunicação”, mas apoiar o que já está fazendo a diferença não dá lá muito ibope. O mesmo pode ser dito do **RelevO**.

## ISSN

O ISSN por enquanto não saiu. O ombudsman continua cobrando a equipe editorial para que o **RelevO** seja lido em cada canto do mundo a partir do momento em que for impresso o código de barras mágico. O editor disse que está correndo atrás da papelada. #EstamosdeOlho

CONTATO@KOTTER.COM.BR (41) 3585-5161



Editora **Kotter**

PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO  
ARAUCÁRIA-PR

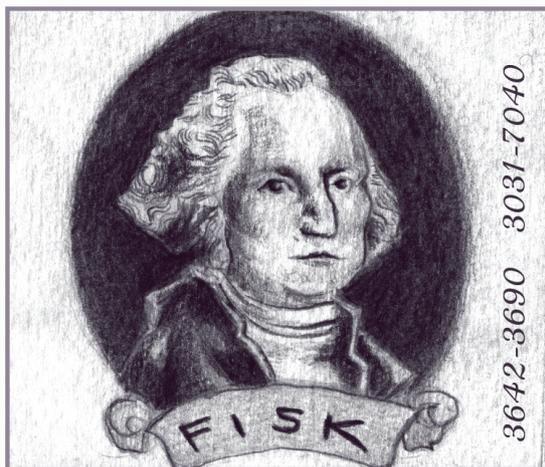


Farmácia *Elkeforma*

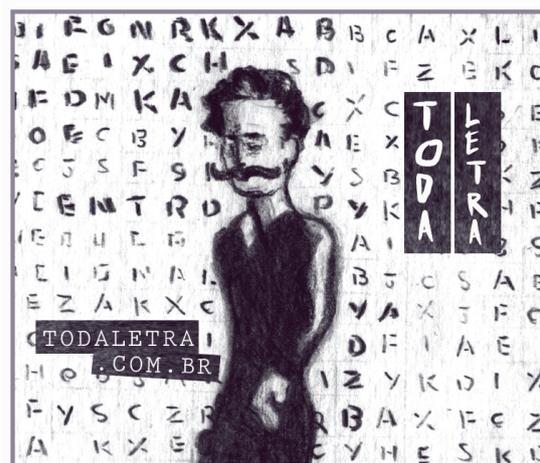
Luiz Otávio Prendin Costa



AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO – ARAUCÁRIA/PR



R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 3 anos de atividades, contando com mais de 230 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



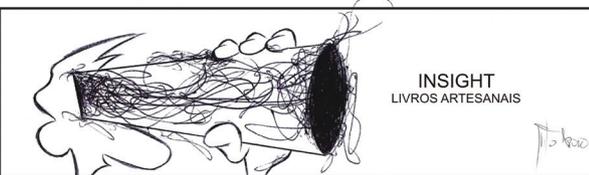
Conheça nosso trabalho, acessando [www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br) e [facebook.com/penaluxpenalux](https://facebook.com/penaluxpenalux).

Para envio de originais: [originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)

Aqui, a escrita não é só um braço. É o corpo inteiro.

Esc. Escola de Escrita. 41 3114-7100; contato@escoladeescrita.com.br; escoladeescrita.com.br

Imaginação a vista!!!!!!!

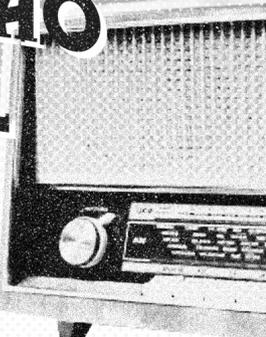


INSIGHT  
LIVROS ARTESANAIS

RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, 522 (41) 3092-0480  
FACEBOOK/INSIGHTCOWORKING COWORKINGINSIGHT.COM.BR

**ESTAÇÃO BRASIL**

APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO  
E-PARANA | AM 630  
DOMINGO | 13H



otarto  
BAR



**LOTERIAS AVENIDA**

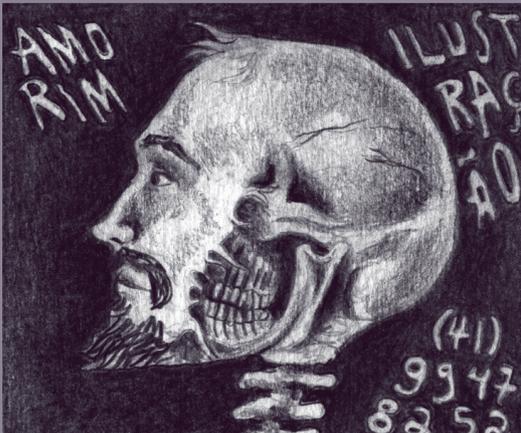
AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 ARAUCÁRIA-PR 413643 4881

Fábio Tokumoto/Carol Zanclatto



3031-2357  
9663-7557

Juélia  
amor



AMO RIM ILUSTRAÇÃO

(41) 9947 8252



Allejo  
.COM.BR

Alan Amorim



JOAQUIM

LIVROS | VINIS  
**JOAQUIM LIVRARIA & SEBO**  
RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Fábio Tokumoto/Carol Zanclatto

# Sem amor

VANESSA RODRIGUES

*d'une jouissance à enmourir, disent-elles, à enmourir de cette mort mystérieuse des amants sans amour.*

Marguerite Duras



Quando eu voltar da tua casa todo meu corpo ele vai estar cansado de esperar por esse estremecimento o corpo cansado e talvez arrependido a culpa de um corpo que entendeu que amor é diferente de gozo o corpo que era de outro que se lembrava dias semanas antes meses durante era de outro corpo que este meu corpo se lembrava parado no tempo o outro corpo que eu era, que eu fui um dia quando pela primeira vez eu entreguei este, novo, que não era igual mas era ainda o mesmo o corpo em que ontem quando voltei da tua casa eu ainda carregava teu cansaço, teu sorriso e nossa falta de amor. Não te amo. Nunca te prometi nada a não ser essa tarde ontem essa vontade de um corpo inventado – qual teu cheiro qual teu gosto? – Quando ontem voltei da tua casa aquilo era no peito um fosso, aquele era um corpo cansado, molhado de gozo, teu gosto, era um vazio. O amor eu soube que tinha acabado com outro corpo ainda dentro de mim, que não era o teu corpo inventado que eu me lembrava o teu corpo quando eu voltei da tua casa o vazio entre minhas pernas esse amor era outro o que acabou era outro. A morte. Que eu inventei e tinha acabado, uma saudade. Daquilo que eu era quando ainda não tinha sentido um amor acabar para sempre. Desse corpo. O fim. A morte. O gozo.

# Greve

PRISCILA LIRA

Voltava para casa com uma mochila e sacolas do supermercado, com comidas e cerveja. Mudou a rota e passou pelo largo para saber a quantas andava a greve, sentar na grama um tempo, assistir e ajudar de um jeito miserável e cretino os professores. Ficou assustada com a quantidade de gente que lotava a rua, passeou arrepiada pelos cartazes e estudantes que gritavam em apoio, tão novos. Naquela idade estava preocupada em preencher a cabeça com qualquer coisa que não fosse vestibular. Lagrimou, feliz. Sentiu os pelinhos do braço se eriçarem. Parou em frente ao carro de som e ouviu uns líderes, nada novo. Minutos depois alguém subiu, tomou o microfone e, com a garganta trêmula, implorava que a polícia não atacasse. Se fosse realmente corajosa, pegaria um ovo daquela sacola e arremessaria sobre os PM's. Lembrou que tinha maconha na mochila, seguiu o caminho de casa.

Voltaram ao largo, os dois, duas mãos dadas e duas abanando. A polícia seguia em ameaça. A moça aguardava sentada na grama, observando atenta os discursos que vinham do amplificador. Era bem mais bonita do que nas fotos. Usava uma baby look azul marinho, sem estampas, cortada pela metade, um piercing no umbigo e uma legging preta. A bolsa dela tinha a estampa do mapa mundi e seu rosto

de atriz global quase incomodava, não fosse o piercing no septo da boca e os alargadores na orelha. A casa ficava a alguns metros dali, as ruas estavam tomadas por ônibus escolares e motoristas entediados. Eles achavam aquilo tudo realmente muito bonito.

Do quarto ainda se ouviam ecos dos carros de som. Ela era fotógrafa, queria cursar psicologia, mas se convenceu em poucos minutos de que filosofia era melhor. Já tinha se casado, apesar de mais nova que os dois, voltou a ser sozinha fazia pouco tempo, queria viver mais que nunca. Eles viram ali, quem sabe, um futuro.

Beberam, fumaram, ouviram música e riam, riam. Ele sempre deitava na cama e se espreguiçava como um sinal. Ela sempre deitava no colo da garota logo depois. Nessa parte, eram péssimos e inseguros. Mas durava pouco e logo.

No escuro, ela parecia ainda mais uma atriz, sem roupa mais ainda. Nunca tinha visto um piercing no umbigo tão bonito. Não sabia se tinha mais tesão pelo sorriso ou pela bunda. Olhou para ele e gostava de reparar nos detalhes das expressões que fazia, quando estavam sós, o rosto ficava muito próximo e não conseguia enxergar certos ângulos. Ela era uma coisa inacreditável. Passiva. Como sempre. Realmente não conseguia

entender como todas as meninas bissexuais que conhecia pareciam ter nojo de buceta. Morria de vontade de ser bem comida por uma mulher, mas nunca acontecia. Só uma vez é que...

Passeava a língua pelo clitóris dela, que se contorcia lindamente enquanto metia o pau inteiro dentro da boca. Por que buceta não? Resolveu abstrair. Excitada, as bochechas dela ficavam incrivelmente vermelhas, tinha vontade de filmar e mostrar pro mundo inteiro aquela belezura. Gravou na memória. Fechou os olhos e encheu a boca com a água dela, enquanto, de quatro, sentia aquele pau, que conhecia e amava mais do que ninguém, preenchê-la. Depois gostava de assistir. Eram lindos, deviam fazer um filme. Mas o cinema era só dela e ninguém veria seu gozo sentada na cadeira, de frente para a cama, enquanto eles brincavam de pornografia. Eram muito melhores que pornografia, azar do mundo que não podia compartilhar aquilo tudo com eles.

Só faltou pôr a mão e a boca direito na minha buceta, né, linda?!

Mas naquele dia, o que sentiu falta mesmo foi de ter um caralho.

Pena que, antes de poder comprar um dildo na internet, aquele dia viraria fumaça.

# Amor Inconsútil

LIMA TRINDADE

*Não quero o homem que me quer  
E há um sol que eu quero em meu rosto.*

Dicotomia, **Kátia Borges**

A cabeça de André tombou sobre o ombro de Antônio. Não que estivesse morto ou desmaiasse, mas, sim, como quem de súbito se preparasse para o que haveria de vir: o pior. Entreabrindo os lábios, ensaiou dizer uma palavra de amor. Porém, recolheu-se: avaro.

Antônio achava gostoso sentir o peso da cabeça de André reclinada sobre o seu ombro, mas aquela situação de estarem os dois um de costas para o outro já incomodava.

Da janela da sala soprava um vento frio de junho que tornava o branco das paredes gelo. O suor descia a testa de André.

Sem avisar, Antônio se virou e abraçou o corpo robusto de André, fazendo com que a cabeça do outro repousasse sobre o seu colo, os cabelos longos e lisos a acariciarem a superfície nua da perna.

– Você me ama?

– O que é amar para você?

– É me possuir como se eu fosse o seu cãozinho de estimação, dar-me cama aquecida e comida.

– Então, eu não te amo.

Lúcio nada cobrava de André, não pedia amor nem gestos de carinho. Quando falava era sempre a respeito das coisas exteriores da vida, acontecimentos. Você viu o último capítulo daquele seriado sobre alienígenas na tevê? Soube do assassinato em massa na Carolina do Norte?

Curiosa foi a maneira como eles se conheceram. André comprara uma ficha para o Fight of Heroes e perdia

de lavada. Repentinamente, Lúcio apareceu ao seu lado e começou a soprar-lhe dicas no ouvido. Em poucos minutos, jogava por André. Diga aí, parceiro. Formamos ou não formamos uma grande dupla? Que tal um chope para comemorarmos?

– O que você viu em mim, garoto?

– Eu?

– É, tu mesmo.

– Ah, sei lá. Gostei do seu jeito.

– E como é o meu jeito?

– Oxe! É esse aí, oras.

O frio se asseverou e Antônio se levantou para fechar as janelas. Pequenas folhas secas estalavam enquanto ele pisava o mármore. Era o inconveniente de se cultivar plantas em interiores e não saber o momento exato de regá-las. Perto do sofá, um livro aberto oscilava de uma página para outra desordenadamente.

Tudo com Antônio era grande demais, distante demais. André não tinha mais dúvida. Queria seguir à deriva.

A mesa da sala era retangular e nela estavam depositados um maço de folhas de papel, caneta esferográfica e um jogo de lápis de cor. Antônio pegou uma folha em branco e a amassou.

– Por que compramos novos discos se eles estão sempre repetindo tudo o que ouvimos antes?

– Toni!... Nada é igual. O novo não precisa ser completamente novo, basta que seja alguma coisa diferente.

André olhou o relógio. Em seguida,

abriu mais a janela. Antônio estava agora deitado no sofá e abraçava os joelhos.

– Estou com calor.

– Eu estou com frio. Mas deixe aberta. Sentir frio é bom. Ele nos conscientiza da extensão de nossas solidões.

– E eu, não estou aqui?

Antônio não respondeu. Ao invés disso, enfiou o nariz no macio do estofado e tentou não imaginar os longos cabelos grisalhos de André a receber o vento enquanto ele apreciava a vista da janela.

– Não sou mais um menino para você?

– Por que pergunta? Eu é que devo estar velho demais, gagá demais.

– Mas isso não era um problema quando eu tinha dezessete e você cinquenta, André. Ou, pelo menos, você não parecia pensar assim – disse num tom triste.

– As coisas mudam.

– Sim, elas sempre mudam. Hoje eu tenho vinte e cinco. Amanhã terei vinte e seis, ano que vem... – calou-se.

André fechou a janela.

– Que idade ele tem?

– O que lhe importa? Você não me ama mais, não gosta mais de sexo.

– Eu te amo mais que tudo, André! O meu amor é um amor sem fronteiras e sem remendos. O que é o sexo perto disso?

Ficaram mudos por muito tempo. Até que André se vestiu e, sem se despedir, foi ao encontro de Lúcio. Ele não voltou para pegar os livros.

# As Fantasias Eletivas (trecho)

CARLOS HENRIQUE  
SCHROEDER

Copi. Travesti magra, bonita, bem-vestida e inteligente.

Nível universitário. Ativa e passiva: não decepciona, prazer além da carne.

Atendo com local próprio e sem portaria.

[...]

Copi encheu a taça, virou novamente, limpou o lábios e deu mais uma gargalhada. Renê nunca a vira tão feliz.

“Vamos lá, agora vai. Fui atender um cliente no norte do estado no ano passado, um cliente fiel, um alto executivo de uma grande empresa que me come ao menos uma vez por mês. Grisalho, cheiroso, com pegada, sabe, picudo, sempre...”

“Copi, sem detalhes.”

“Certo, vamos lá. Ele vem, fica umas duas horas comigo, mete até esfolar, e volta pra casa, e eu acabo ficando no hotel de um dia para o outro. Aí descanso, durmo e saio para longas caminhadas, para manter este corpinho, mas sempre levo uma pequena mochila e nela a minha Polaroid. E numa dessas minhas caminhadas errantes vi uma cena inusitada: uma menina sentada, pensativa e chorosa, nos trilhos do trem.”

# Bingão do Término

O problema  
não é com você,  
é comigo

Precisamos  
conversar

Não é porque  
você está grávida

Gosto de você,  
mas gosto mais  
do Paraná Clube

Tô muito focado  
no meu trabalho

Quero orgias

Surgiu uma  
oportunidade  
de trabalho na  
Eslovênia

Não, nós  
nunca ficamos  
enquanto a gente  
namorava

Eu pensei que  
gostava só de  
mulheres

Não queria que  
fosse assim

Ela não liga  
d'eu deixar a  
louça suja

Todas as vezes  
em que gozei,  
menti pra você

Preciso de  
alguém quinze  
anos mais novo  
do que eu

Já falei que  
não tem nada  
a ver com o  
seu pênis

Não é porque você  
tem dois filhos e  
seis faculdades que  
começou e não  
terminou.



RICARDO POZZO

Modelo: Rodrigo Melo

Local: Mezzanino do Memorial de Curitiba



# Carne tua

MAIRA PARULA

Eu relia umas páginas de Joyce sem muito entusiasmo

Anda levanta daí, vamos ao necrotério comigo, tem um defuntinho fresco lá;

Minas Gerais

Mascando chiclete,  
Hélas era amiga do patologista  
e minha amante

Vamos logo, te dou uma caixa de Bis  
Hélas era dona de um armazém

Fechei o livro sem muito entusiasmo  
Em Minas até o chocolate é jesuíta

Fomos a pé  
Duas quadras  
Santa Casa da Misericórdia  
O quintal coberto de abacates

Eu não vou entrar

Hélas entrou sozinha  
no seu cenário artístico nacional:  
“Eu não saberia viver sem a paixão pelos mortos”

Uma dessas frases que conquistam  
o nem tudo está perdido

Fico fumando perto dos abacates  
Os abacates da Misericórdia  
Dona Rachel viveu uma história parecida  
Tinha uma amante que não era amante  
E gostava de conversar com defunto  
Uma cabeça de mulher  
Um pé virado  
Aquela pele cinza, fluida  
Chega, dona Rachel, estou ficando enjoada  
Fico zonha e vejo espadachins entre os abacates  
Um amigo ou outro  
Dona Rachel é da companhia de seguros  
Me vendeu um terreno em Paraty  
“Para a sua aposentadoria”

Hélas está há uma hora lá dentro  
Uma hora que me sobra  
Espalho a terra no chão e fico olhando  
Será que minha mãe morta sabe que morei  
em Minas?

Hélas vem correndo,  
cospe o chiclete  
e vomita sobre os abacates  
as lembranças que me sobram

# Mulher é tudo louca

ASSIONARA SOUZA

A casa acordava de manhã com ela. Do lado da cabeceira, nenhum livro, mas o rádio de pilhas. O locutor do programa dizia a todo o tempo a hora certa. Ela ficava ouvindo as modas de viola e ajeitando o corpo para o acordar. O mesmo corpo da véspera ou teria se modificado um tanto?

As dores nas articulações pareciam piorar, mas à medida que ela fosse se agitando para dar conta de todos os afazeres, elas se aquietariam. Os olhos vasculhavam um passado enorme de filhos e filhas e netos e a eterna luta pela sobrevivência. Era uma mulher que sobrevivera. Quantas alegrias seu corpo havia realmente experimentado? Ela se pertencia a si mesma? Talvez, nesses gestos mínimos que ressalvavam hábitos, ela se pertencesse a si mesma. Ao ouvir o radinho de pilhas logo cedo de manhã, quando todos dormiam o último sono, ela se sentia um pouco livre. Mas o primeiro que abrisse os olhos e pronunciasse a palavra “mãe” e com menos violência, a palavra “vó”, já instalava sobre ela um poder de deixar de existir e passava a ser a que servia, a que respondia sobre onde estavam os objetos mais banais, ou qual seria o jantar, e com as orelhas rasgando de dor, naquela manhã era

deveria responder a um inquérito brutal à filha mais velha: Como que o azeite já tinha acabado se da última vez que fizera mercado vieram três litros de azeite para casa? E se ela, a mãe, não tinha noção de onde saía o dinheiro. Os olhos parados no meio da cara, olhariam o rosto furioso da filha, e talvez trouxessem a exata sensação de quando ela escorregara de dentro de seu ventre para o mundo, resgatada pelas mãos de uma parteira, igualmente mulher, igualmente banida das importâncias de ser e existir no mundo. Ela olharia os olhos da filha e veria a boca se mexendo como uma máquina de produzir gritos. Talvez que a filha estivesse infeliz, sim era isso. A infelicidade modelou aquelas palavras brutais e aquele semblante severo em suas feições. Antes era só uma criança. Era só mais uma mulher, uma outra entre tantas filhas. E sua infância havia sido de uma rudeza tão gritante que os mínimos momentos de beleza eram todos vividos, também, de modo clandestino. A filha talvez não se pertencesse a si mesma. Havia sido raptada pelo mundo. A filha mais velha, essa mulher do mundo, atendia a chamados urgentes e resolvia questões urgentes e ganhava o dinheiro para suprir as necessidades

da casa e se dava ao direito de berrar logo cedo de manhã com a mãe porque isso a fazia se sentir bem, pronta para o mundo. Pronta também para receber os homens que compartilhavam do mundo com ela. A mãe talvez não pensasse isso, mas sabia que havia um propósito sutilmente preparado para justificar aquela gritaria logo cedo. Ela estava se fortalecendo. Derrubar um pai ou uma mãe, derrubar a moral de um filho ou de alguém a quem muito se ama logo cedo de manhã, gera uma força violenta para enfrentar o mundo. Sim, talvez fosse isso. A mãe teria que compreender. E a filha sabia que a mãe compreenderia. À noite, quando voltassem todos para casa, nem iriam mais pensar nisso. E antes de sair para o mundo, ela passaria o batom diante do espelho, arrumaria o cabelo do jeito como deve ser, sem qualquer pensamento, teria certeza de seu poder de mulher no mundo, pois se havia destruído a mãe com algumas palavras, o que não poderia destruir se viesse diante dela, pra cima dela ao longo do dia? Seria isso? A mãe sofria quieta, lembrando-se de que, realmente, daquela vez foram três litros de azeite (daquele da marca boa) que ela havia trazido. E agora o último

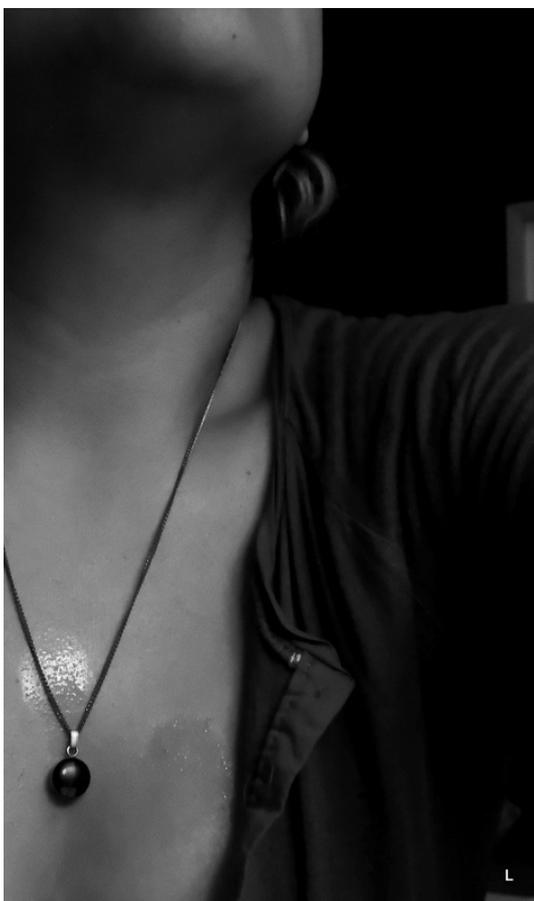
estava vazio e por isso ela anotou na lista de compras, com a letra que usava com mais frequência para esses afazeres, bilhetes, recados, e quando muito, em alguma ocasião, enviava um cartão de aniversário para algum parente distante que ainda morava lá de onde eles, os retirantes, vieram; e também as felicitações de Natal e Ano Novo. Mas ela deveria fazer a lista, antes de deitar, ela deveria fazer a lista de compras e deixar em cima da mesa. E ela fez exatamente isso. Anotou com dificuldade, pois não gostava muito de usar esferográfica, anotou tudo o que faltava, entre barras de sabão, detergente, desinfetante: “azeite”. Pela manhã, já pronta para o dia, ela alçou o avental por sobre a cabeça como quem se preparava para o dia, aquele longo dia de tantas roupas para lavar e louça e os netos menores que ela também devia alimentar. E quando estava lá, terminando de fazer o café, a filha sentada à mesa, fumando, ela enxugou as mãos e apresentou a lista à filha. Estava pronta a lista, sentia-se até orgulhosa de ter feito tudo na véspera, de ter adiantado umas coisas, pois logo mais à tarde ela sairia com a neta até o centro. Era essa a sua função, dar conta da casa, manter a casa e o fogo em movimento para que

houvesse comida e para que as roupas de dormir e vestir estivessem limpas. Apenas isso. Ali estava tudo, palavra por palavra; e entregou a lista para a filha, enquanto servia o café quente na xícara da filha. Com o cigarro aceso e uma xícara de café cobrindo a metade da cara, a filha leu a palavra “azeite”. E a partir daí o inferno com os seus mil braços sinistros tomou o espaço daquela cozinha numa plácida manhã que havia nascido simples e como as manhãs de sempre. O sol pela fresta das janelas fazendo aquela partitura sutil na parede do quarto. O corpo do marido ao lado, envelhecendo e enfraquecendo cada dia mais. A moda de viola entrecortada pelo aviso da hora certa. Tudo igual até o momento da leitura daquela palavra. Logo naquele dia em que ela havia se preparado para ir ao centro da cidade tirar o retrato para fazer, finalmente!, a carteira de idosa e poder com isso ter mais liberdade para suas coisas quando quisesse, visitar alguém, ir até o cemitério, uma feira, o que fosse. Logo naquele dia que era justamente véspera da neta com a mão machucada voltar pra casa porque já estava ficando boa a cicatriz e não havia mais necessidade de ela estar ali na casa. Naquele dia, aquela confusão,

aqueles gritos por causa de um litro de azeite. Não tinha o que dizer. Olhou para filha como se pedisse desculpas. Desculpas por estar ali ainda. Por não ter morrido. Desculpas por ser ela a dar a notícia do azeite que faltava, mesmo que soubesse o tanto de dinheiro esbanjado em cervejas e cigarros enquanto elas varavam a noite jogando o carteadado. E nas viagens com os amigos em que a filha fazia questão de bancar a passagem dos que não podiam pagar, porque tinham uma mãe doente em casa. Desculpas, ela pedia, desligando o fogo pois a água já havia fervido e era bom também não gastar tanto gás. No cinzeiro, dois cigarros com marca de batom quedavam-se quietos, assustados. Os gritos estremeceram as paredes. Os outros filhos passavam apressados pelo corredor, nem pensaram em café, pois que poderia sobrar alguma chispa pra cima deles. Saíam da casa como se escapassem de uma guerra. Nenhum para levantar a voz em defesa da mãe, afinal era só a mãe e a mãe já estava acostumada a tudo isso. De vez em quando isso acontecia, devia ser a tpm da filha que fazia ela acordar com a macaca. A crise. Vá saber. As mulheres são assim mesmo. Mulher é tudo louca.

# Terciopelo

MARIANA OZUNA CASTAÑEDA



Eu nunca comprei ou li o jornal Ovações, avistei-o nos corredores do metrô, em cada esquina por inumeráveis manhãs. Corrijo, eu vi a famosa página 3, que exhibe a pelada do dia. No México não paramos de oferecer carne feminina, bancas vendem seios e nádegas por atacado, até enormes cartazes com a pelada da vez na Revista H (chamados de stands ups, ou assim parece, anunciados na rede). Para muitos de nós, é fácil confundir com TvNovelasTVnotas, sua capa é idêntica à revista de peladas.

Mulheres com pouca roupa – sempre com corpos curvilíneos estereotipados – saturam nosso olhar enquanto caminhamos ou viajamos nos transportes públicos; nos impõem biquínis, lingerie espetaculares, para não falar dos famosos calendários das oficinas mecânicas, eletrônicas ou lojas de ferragens. Nus em todos os lugares: a partir da Reata de Brozo,

em seu quesque noticiário, através do assessor que coube vestido branco e clivagem dos candidatos presidenciais no debate simulado até a novíssima e criativa campanha dos relógios Nivada, onde a joia compartilha espaço com outra joia: uma bunda redonda (cuja relação semântica é óbvia – para designers de anúncios).

Vendem o corpo feminino no todo ou em partes. Os publicitários criativos da campanha de relógios ou do tour de cinema francês que está prestes a começar mostram que são muito bem remunerados, apesar da capacidade zero para inovação na publicidade. Por que os que se escandalizam com homossexuais se beijando na rua ou com o aborto como uma opção para as mulheres não se plantam em cada banca de revistas para exigir que se proíba que olhos inocentes de nossas crianças sejam seduzidos por espetáculos tão imorais?

Quando alguém vê a publicidade europeia, americana, brasileira, argentina sobre uma grande variedade de artigos (pneus, relógios de luxo, roupas, carros, arte, alimentos, computadores, serviço de internet ou cabo, etc.), o contraste põe a evidência diante de nossos olhos: campanhas publicitárias no México são medíocres, para dizer o mínimo, se refresco, teta; se água purificada, teta; se comida para as crianças, teta; se cadernos, teta (a atual campanha Scribe é notável, nada de nudez, ainda há esperança); se notícia, teta (deve se ver algum noticiário alemão ou escandinavo para reconhecer que as pernas de Micha estão super expostas e super bronzeadas). Isto sem contar os serviços que, por uma pequena quantia, baixam fotos das “mulheres mais sensuais” para nossos celulares, mulheres ao alcance das mãos.

O consumo de imagens no México,

como no resto do Ocidente, educa financeiramente; ou seja, coloca em jogo os valores e as crenças do consumidor para que compre ou associe esse valor com seu consumo. Assim, a elegância, a sofisticação, a inteligência, a astúcia, o sucesso, a popularidade, a beleza, a fidelidade, a saúde, a virtude, e assim por diante, estão nas mãos dos publicitários e seus produtos são onipresentes, oblíquos, inevitáveis... em vez de filmar Um Dia sem Mexicanos, deveriam filmar Um dia sem tetas no México, um c'estfini.

Há uma relação entre a saturação em torno da nudez e o direito que creem ter os machõezinhos sobre as mulheres. Esse direito manifesta-se no assédio na rua, inclusive tirando fotos sem permissão (outra forma de transgressão e violência através da imagem), até chegar ao feminicídio.

Décadas atrás, a nudez era de mau gosto e somente relegada à TV nos

horários não familiares; e em bancas de jornal, na parte inferior das janelas dos lados, onde as senhoras preferiram não ir, coisas da hipócrita moralidade dúbia mexicana; e eis que era vulgar, de mau gosto, “coisa de pedreiros”, dizia Toñis, minha mãe adotiva. Agora nos impõem à venda mulheres em seu amplo sentido: os corpos são vendidos nas imagens e, portanto, naturalizamos que os corpos das mulheres devem ser vistos e aprovados para dar prazer. É só dar uma volta pelo Hooters e Angus ButcherHouse (ah que nominho) para comprovar isso; as garçonetes que queiram trabalhar devem ser aprovadas por seus corpos; não negligencie a associação: comer “carne”.

Dessa negociação para outra: a de mulheres e meninas em comércio de seus corpos. Tenancingo, Tlaxcala, é uma das capitais da prostituição de mulheres em nível mundial; o negócio é passado de macho para macho, entre

as famílias por gerações. As meninas são recrutadas ou sequestradas com a melhor isca: “Eu te amo”, “Eu quero me casar com você, é para arrecadar dinheiro”, um sacrifício por amor.

O lucro econômico é de bilhões, acima do que geram os anúncios medíocres que usam e despem as modelos. O fundamento, no entanto, é o mesmo: vender mulheres, alienar seus corpos, porque seus corpos são feitos para agradar os homens.

É ingênuo pensar que é questão de acabar com a oferta... e a demanda?, Essa é cultural (imagine 15 anos de prisão para o cliente, que revolução!). Demanda cultural baseada nas crenças sobre as mulheres e nossos corpos, elas devem ser verificadas para prevalecer, verificadas nas relações que mantemos: na rua, em casa, no escritório, impressas ou reais existem para dar prazer total, a colheita de mulheres nunca termina.



JONATAN SILVA

# Conexão Helsinki

Qual a distância entre o Brasil e a Finlândia? Simples: *Capricórnica* (Patuá, 136 pág., R\$ 32), romance de Sérgio Tavares Filho, maringaense que vive há sete anos em Helsinki. A história de uma arquiteta que enlouquece após atropelar uma mulher é somente a ponta de um iceberg psicológico e intrincado, que coloca em xeque a questão da identidade – e até mesmo de gênero.

Ao dar voz à protagonista, Tavares Filho mergulha em um mar feminino de angústia, dúvida e tristeza. Depois do acidente, a arquiteta, um personagem anônimo e comum, passa a desacreditar de sua própria identidade e acha que já não é – e não pode – mais ser ela mesma. Simultaneamente, *Capricórnica* é um reportório de incertezas, já que tudo acontece na cabeça de uma única pessoa. A linha entre realidade e imaginação está às raias da invisibilidade.

Aqui não há tempo. Não há espaço. Pode ser Maringá. Pode ser na Finlândia. Pode ser no sertão. O autor criar uma espécie de atmosfera, redoma temporal, em que o romance se desenvolve. E esse é o lugar da mulher que atropela. Mas onde fica a mulher atropelada? A memória da protagonista é o grande cenário do livro, o não lugar em que tudo se concentra e nada se resolve. É impossível criar limite e, portanto, não há como ultrapassá-lo. Nesse sentido, Tavares Filho cria, ao seu modo, o atemporalismo borgeano,

como em “O Imortal” ou “Tema do traidor e do herói”.

E assim como o escritor argentino, o maringaense investe no duplo. A arquiteta se desenleia em uma suposta (re)encarnação e passa a buscar quem realmente é. “Desde que eu havia ido parar o corpo de uma desconhecida tão familiar, ele havia sido só um borrão, uma companhia silenciosa, como um passageiro simpático na poltrona ao lado da minha”, diz ao definir o marido. Aos poucos, ela anula o casamento. Depois retira os filhos de sua vida.

No final das contas, o socrático “conhece-te a ti mesmo” é praticamente inatingível e, ao mesmo tempo, o objetivo que move toda a humanidade. Há um quê de força e determinação na mulher criada por *Capricórnica*, entretanto, tudo aquilo que a engrandece é também o que a faz vulnerável, incapaz de lidar consigo mesma. “E que peso há na vaidade de se espalhar pelo mundo?”, pergunta a protagonista a certa altura do livro. Ela está tomada de uma letargia que a prende e a torna impotente, mórbida.

*Capricórnica* não foi escrito para ensinar, acredito, mas há pequenas lições sobre a devastação da perda, mesmo que aquilo que se perca seja uma incógnita ou a inocência. O acidente não passa de uma metáfora como a maçã de Adão e Eva. E, assim como desfrute no Éden, é ele que leva ao (auto)conhecimento.

GABRIEL RESENDE SANTOS

# Sem temer o corpo

Walt Whitman disse que não era preciso ter medo do seu corpo. O poeta Alexandre Guarnieri talvez concorde, mas o seu desconcertante *Corpo de Festim* (Confraria do Vento, 2014), vencedor do Prêmio Jabuti de Poesia deste ano, não é uma jornada fácil, plácida, um corpo em repouso, com sono. De fato, ele pode dar medo.

Trata-se de um projeto intenso e que parece fazer ainda melhor sentido como parte constituinte de uma ordem maior: a breve mas impactante bibliografia do poeta. Lembro que quando li o *Casa das Máquinas* (Editora da Palavra, 2012), seu livro de estreia, tive a sensação de que Guarnieri buscava atingir uma unidade perfeita, a casa, através de uma descrição de cada móvel / engrenagem. O parafuso, o rebite, a lâmpada. Todos os órgãos do monstro de fumaça recebiam minuciosa atenção. E o surpreendente é que isso remetia a processos similares de maquinização, mais baudrillardianos: a rotina e sua monomania robótica, a reificação, a guerra desumanizante, os jardins artificiais da metrópole de lata e poeira.

Então desta vez foi sem espanto (mas com medo, veja bem) que me deparei em *Corpo de Festim*, o sucessor da *Casa das Máquinas*, comum Guarnieri que substituíra as engrenagens pelas orelhas, os braços, os fluidos e o ânus (este que Rimbaud e Verlaine já sonetaram tão bem). Mesmo o átomo de carbono. Parece

radical visto desta forma, mas de maneira alguma pra quem se habituou com sua descrição (ou canto) do menor que então, organicamente, alcança o maior, o geral.

Guarnieri é claramente um poeta contextual, antenado tanto com o cuidado formal do poema quanto com o mundo concreto (no pun intended) que o cerca. É um experimentador, mas experimenta em respeito à tradição (brincando, referenciando) e ao seu momento histórico, homenageando quadrinhos, figuras e objetos contemporâneos com a mesma vontade que entrega à composição milimetricamente planejada de seus blocos textuais.

O autor está em sincronia com questões sociais, elementos que já repercutiam em *Casa das Máquinas* quando, por exemplo, ele descrevia os detritos no rio Maracanã e as perversidades da elite fluminense. Essas questões retornam de modo mais ou menos velado em *Corpo de Festim*, que já começa estabelecendo uma espécie de política da carne antidarwiniana (mas pró-mallarmaica) sem piedade, arremetendo contra a visão brega, prosaica, sociopata que parece dominar as redes sociais do mundo real e virtual. Não pra menos o terceiro capítulo se chama Vigiar e Punir, título da obra mais famosa de Foucault, na qual se dá um aniquilamento total da individualidade que culmina no não corpo. Nesse segmento também

podemos encontrar, entre outros, um poema chamado “cotidianometria” com epígrafe apropriada do Radiohead, de *OK Computer*.

Percebe-se igualmente que o poeta é galhofeiro, apesar da aparência séria, disfarçando sua ironia sob as experimentações gráficas e formais. Um exemplo é o poema “resta um rosto”, que se divide na face direita que “a todos aceita ( diária ) sua generali / zada festa de maquiagens ( da sombra das sobrancelhas / ao brilho dos olhos sobre as glândulas lacrimais, das / olheiras colecionáveis na cidade à cosmética / avançada, ou à cirurgia plástica )” e na face esquerda, que é “trato-falado necessário à polícia para identificar o único / suspeito de um crime hediondo : a toda fala errada, / basta um rosto anônimo, para declará-la válida”. Nota-se o cuidado formal, mas também temático. Seja na cosmética avançada, na cirurgia plástica ou no anonimato, o humano está sempre às voltas com a perda de suas feições, que podem facilmente ser lidas como sua própria identidade e seu lugar no mundo. Tudo isso numa imagem que, misturando a crise coma segura cabralina dos cortes, torna-se tragicômica.

E as influências? O poeta sugere um diálogo tanto com o trio Noigrandes quanto com o Ferreira Gullar de *O Formigueiro* e os sonetos de Glauco Mattoso, além de toda uma tradição artística do corpo que inclui os *performers* Anton Gormley, Marina

Abramovic e Stelarc. Jack Kerouac é outro nome possível: o fluxo jazzístico parece acompanhar Guarnieri na quebra dos versos, nas rimas instintivas, espontâneas. Seu verdadeiro mestre, entretanto, é Mauro Gama, intelectual ermitão de quem herdou poeticamente a trajetória por vezes ingrata, mas digna, da independência.

Os mal-humorados que condenam a poesia carioca e a reiteram na condição de atrofia estilística, uma decadência, uma insistência no esvaziamento de sentido do verso e no que chamam por aí de “neomarginal”, talvez precisem pensar direito. Ou melhor, ler mais. Não importa se Guarnieri é melhor ou pior do que outros nomes que surgiram recentemente no estado, como os ótimos Ismar Tirelli Neto, Victor Heringer ou Thiago Ponce de Moraes, mas sim que não existe um sol pleno da poética carioca, e muito menos uma hierarquia do que é certo e menos certo como poesia no estado. O que há, sem dúvidas, é uma variedade rica à qual todos os citados pertencem exemplarmente.

*Corpo de Festim* é trabalho do cérebro e da alma. Ao mesmo tempo em que é espirituoso, tem a ordenação cerebral de um metódico. Mistura de distintas partes que reduzem-se a apenas uma: um corpo poético. Pra quem já encarou Walt Whitman, independente do medo, vale encarar Alexandre Guarnieri.

# Helena Kolody do Amor Impossível

Ademir Demarchi

Ainda espero falar aqui do Emiliano Pernetá, que o Paraná elegeu como o Príncipe dos Poetas, o único até hoje e uma coisa impensável de se fazer hoje em dia. Convenhamos, Príncipe dos Poetas só podia ser coisa daqueles malucos simbolistas que festejavam a Primavera saindo em Curitiba vestidos com peplos, um tipo de túnica sem mangas, amarrada aos ombros e sem nada por baixo, usadas pelos gregos. Como se vê, Curitiba anda muito chata ultimamente. Faltam uns malucos assim por lá. Só há gente vestida de terno e com saudade da neve que caiu em 1975. Nem a neve cai e nem eles se vestem de peplu. Se uma coisa dessas, eleger um príncipe dos poetas, é demais hoje em dia, no entanto o Estado vem oficiosamente meio que elegendo uma rainha. Ela é Helena Kolody, que nasceu em 1912 em Cruz Machado e morreu em Curitiba em 2004. Foi professora a vida toda, e uma professora cativante a ponto dos alunos se cotizarem para publicar os livros de poemas singelos que ela escrevia. E por ser assim ela cativou tanta gente, de Paulo Leminski ao governo estadual, que recentemente publicou uma revista supervistosa com o nome dela e a primeira edição totalmente dedicada a essa Helena doce de versos inocentes. Na infância ela estudou piano e pintura, e aos 12 anos fez seus primeiros versos. Publicou seu primeiro livro, *Paisagem Interior*, em 1941. Depois vieram outros, com títulos sugestivos como *Caixinha de Música*. Ela também publicou o livro em prosa *Memórias de Nhá Mariquinha*, que só pelo nome dá vontade de ler. Sua poesia foi reunida na edição *Viagem no espelho e vinte e um poemas inéditos*, pela Criar Edições, em 2001, e ela fez também um CD. Nessa ocasião já se podia dizer: essa

velhinha é fogo! Mas que tristeza saber que ela, ainda muito jovem, conheceu o amor da sua vida, chegou a ficar noiva dele, mas não deu certo: ele desistiu dizendo que não era homem para ela. Esse foi o episódio mais marcante da vida dela, e que resultou num monte de poemas sobre o amor irrealizado, seus melhores. É a tal coisa, se ela tivesse se casado talvez não escrevesse esses poemas. Ficamos com eles, e ela passou a vida solteira. Em algumas fotografias, das mais belas, ela aparece sorrindo, de cabelos brancos e um colar de pérolas, parecendo até estar de luvas brancas ainda que não as vejamos. Linda. Sim, não haveria como não enternecer até o Paulo Leminski e muito poeta mais jovem, como o insofismável Ivan Justen Santana, que não suporta quando a colocam num segundo time. Na internet há muitos poemas dela e toda a história desse amor. Recomendo em especial o blog <[www.dvetextos.blogspot.com](http://www.dvetextos.blogspot.com)>, onde há a história final da vida e uma aproximação com o amado um dia para sempre perdido. Vamos a alguns poemas: “Viagem infinita” / “Estou sempre em viagem. / O mundo é a paisagem / que me atinge / de passagem”. Outro: “Cântico” / “Dono de meu sorriso e causa do meu pranto! / Se adivinhasses que, ao passar absorta, / Vou sonhando com teu olhar profundo... / E nada mais existe neste mundo, / E tudo mais na vida pouco importa. / A luz do teu olhar é a estrela solitária / Da noite deste amor, que é feito de silêncio. // Em meu enternecido coração, / O teu nome ressoa em notas graves, / Como no amplo recinto de altas naves / Um cântico de imensa devoção. / Eterno sonhador, teu vulto pensativo / Vive na timidez do meu amor esquivo”.

# Sagração – As veredas oníricas de Severo Brudzinski

Daniel Osiecki

Não é de hoje que alguns prosadores contemporâneos vêm flertando com elementos nonsense, surreais, com a adoção do não enredo, da não história, a sobreposição de planos diversos em narrativas híbridas e inventivas. Dificilmente um romance que não conta história alguma interessaria a um público ainda não acostumado com a literatura mais séria, na qual a estética é fundamental.

Em nossas paragens há Manoel Carlos Karam, o maior exemplo de literatura nonsense, inclusive com um grande número de leitores fora daqui. Sua trilogia de *Alhures do Sul* é suigeneris. Outro grande escritor contemporâneo que segue essa linha de Karam é o gaúcho João Gilberto Noll, autor de uma verdadeira obra-prima, *A céu aberto* (1996), romance que narra as agruras e peripécias de um protagonista andrógino, muito parecido com Orlando, de Virginia Woolf, que caminha por um Rio Grande do Sul no qual passado, presente e futuro se confundem.

Em 2012, tive o prazer de ler um volume de contos intitulado *Passagem do Aqueronte*, do curitibano Severo Brudzinski (2012. Kafka edições), e agora o recém-lançado *Sagração* (7Letras, 62p.). Brudzinski nasceu em 1973. Escritor e gestor público da FCC, publicou também os livros *Os amores e mortes*

*de Gustavo Carbel* (Sultifera Navis, 2005) e *Líricas* (Sultifera Navis, 2008).

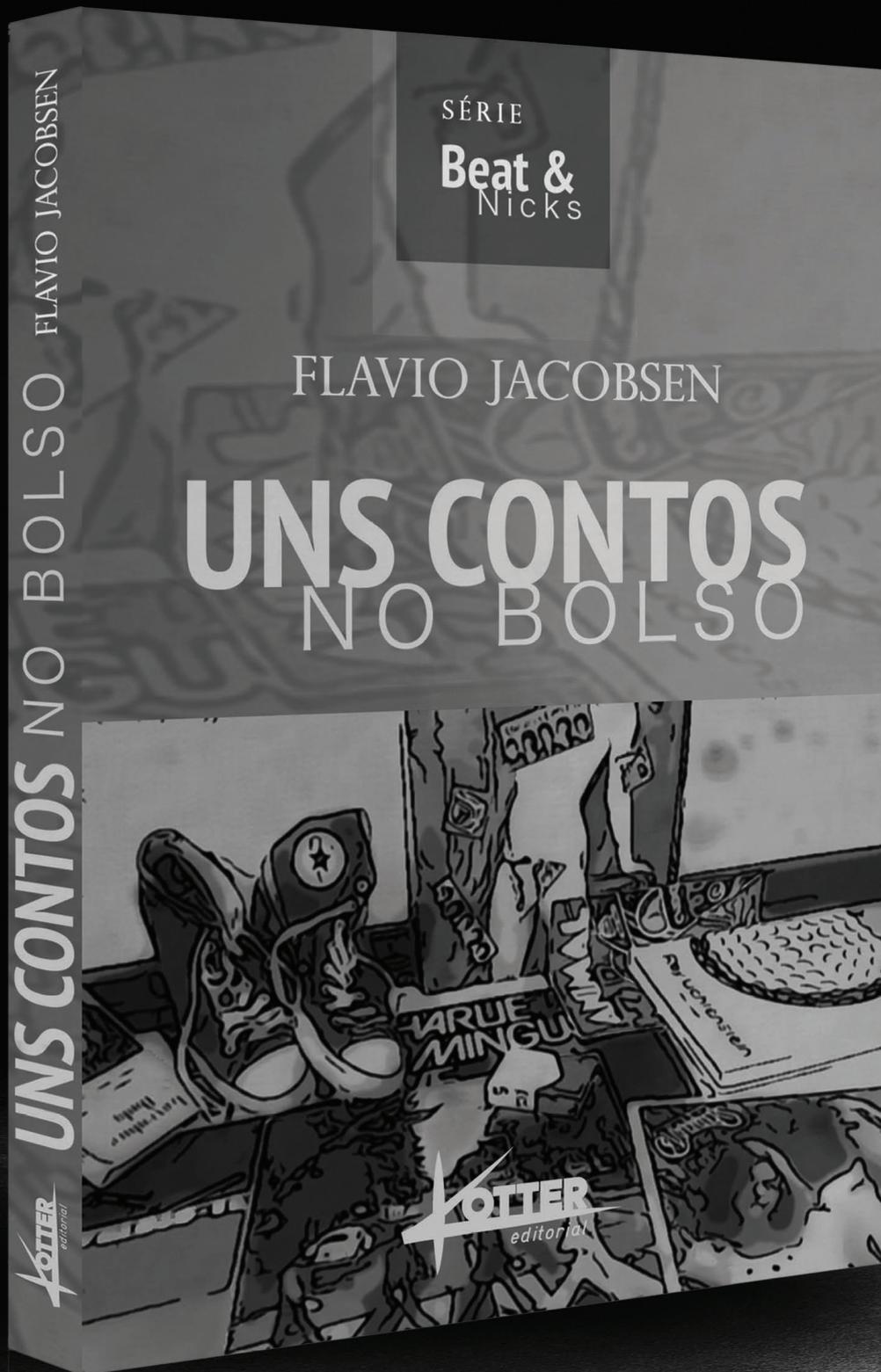
*Sagração* é um romance breve que apresenta todos os elementos dos contos publicados no livro anterior, como a autocitação, ausência de enredos convencionais, predominância de elementos oníricos, os absurdos da vida contemporânea retratados como pesadelos infundáveis. Há a presença de elementos mitológicos como em *Passagem do Aqueronte*, o que confere certa carga metafórica à narrativa.

É muito interessante a falta de sentido entre as cenas que, como num filme, se sobrepõem sem deixar resquícios de continuidade nas cenas subsequentes. Nesse aspecto, Brudzinski se assemelha muito a Noll e ao português Raul Brandão, mestre do decadentismo.

O autor curitibano faz um belo trabalho de lapidação com a palavra, o que se pode perceber na narrativa bastante lírica e intimista, de extremo bom gosto, sem cair no clichê. Embora seja muito breve (pouco mais de sessenta páginas), *Sagração* é de uma densidade dramática e de uma poeticidade singular. Nenhuma palavra é vazia ou solta. Tudo está no lugar certo, na hora certa, com o significado (ou falta dele!) esperando para ser degustado pelo leitor atento.

# RENEGADOS. MALDITOS. MARGINAIS.

Eles sempre tiveram seu charme. Agora têm seu espaço.



*Série Beat&Nicks da Kotter.*  
A literatura pelo buraco da fechadura.

## **Uns contos no bolso** Flavio Jacobsen

Sexo, violência, morte, perversidade, paixão e humor são elementos fortíssimos nas narrativas deste livro de estreia de Flavio Jacobsen. Como fossem retratos pintados em paisagens distintas, esses contos se relacionam uns com os outros, sob um mesmo pano de fundo.

“Uma trama compacta, inusitada e convincente. Tudo muito rápido porque, baby, não há delongas na cultura pop.” André Nishizaki - Jornalista

“Agradável surpresa descobrir a sua prosa ágil, de grande escritor. Genial também nos diálogos. Um livro importante.” Jaques Brand - Escritor e Jornalista

### LANÇAMENTOS

**12 de dezembro - sábado - 17h - Espaço Cultural**

AgendArte Livros (Manoel Ribas, 110)

**15 de dezembro - terça - 20h - Show com Gruvox**

às 22h - Wonka Bar (Trajano Reis, 326)

Compre pela internet: [contato@kotter.com.br](mailto:contato@kotter.com.br)

**KOTTER**  
editorial

[www.kotter.com.br](http://www.kotter.com.br)

PREÇO  
R\$ **29**,90